



<http://dx.doi.org/10.30681/23588403v14i0111>

BLACK LIVES MATTER: A DINÂMICA DAS INTERAÇÕES QUE COMPLEXIFICAM AS PRÁTICAS DE ATIVISMO SOCIAL NO INSTAGRAM

Renan Monezi LEMES (UNEMAT)¹

Rodrigo de Santana SILVA (UNEMAT/ SEDUC-MT)²

Data de recebimento: 18/01/2021

Data de aceite: 29/04/2021

Resumo: A contemporaneidade é marcada pelas constantes mudanças na maneira como nos comunicamos, isso em função, principalmente, dos dispositivos conectados à internet, que possibilitam interações síncronas e assíncronas. Em razão disso, observando o número de postagens nas redes sociais mencionando a hashtag #BlackLivesMatter, decidimos observar e analisá-las, do ponto de vista da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos, a fim de compreender a dinamicidade dos discursos ativistas nos espaços digitais e suas implicações nas práticas interativas mediadas pela língua(gem). Trata-se, portanto, de um estudo exploratório, de natureza qualitativa, que nos permitiu promover reflexões em torno de uma postagem e de alguns comentários nela realizados, observando, tanto a abertura das possibilidades de posicionamento na rede, quanto o próprio funcionamento complexo das discursividades expressas pelos sujeitos que interagiram no âmbito deste sistema de práticas sociais e de língua(gem).

Palavras-chave: Ativismo digital. Black Lives Matter. Complexidade

Abstract: The contemporaneity is marked by constant changes in the way we communicate, this is, mainly, due to the devices connected to the internet, which enable synchronous and asynchronous interactions. Because of this, observing the number of posts on social networks mentioning the hashtag #BlackLivesMatter, we decided to observe and analyze them, from the point of view of the Complex Dynamic Systems Theory, to understand the dynamics of activist discourses in digital spaces and their implications for interactive practices mediated by language. It is, therefore, an exploratory study of a qualitative nature, which allowed us to promote reflections on a post and some comments made in it, observing both the opening of the possibilities of positioning in the network, as well as the complex functioning of the discourses expressed by the subjects who interacted within this system of social practices and language.

Keywords: Digital activism. Black Lives Matter. Complexity.

1. Introdução

As relações sociais contemporâneas, em sua grande maioria, têm se dado por meio das ferramentas digitais móveis conectadas à internet. Isso implica em uma mudança na forma

¹ Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: renanmonezi@hotmail.com

² Doutor e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: rodrigo.santana@unemat.br



como nos relacionamos linguisticamente com e por meio das tecnologias. Em outros termos, a compreensão da maneira como ocorre a complexificação dessas relações sociais cria as condições para analisarmos, do ponto de vista da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos, a construção e produção de sentidos por meio da linguagem na internet, com um enfoque especial, no caso deste artigo, ao movimento *Black Lives Matter*, que marcou um momento particular do ativismo nas redes sociais no ano de 2020. Assim, Santos e Lima (2010) afirmam que as relações sociais surgem como “guindaste” para o entendimento do elo indissociável entre indivíduo e sociedade. Isso significa que o sujeito é agente e protagonista de suas práticas dentro da sociedade, as quais são, naturalmente, construídas através da complexidade do contexto social em que o sujeito/agente está imerso.

A partir dessa reflexão, entende-se que o agente e seus discursos, não são apenas influenciados, mas sim, produtos de seu entorno. Dessa maneira, pode-se afirmar que influências exteriores fazem parte da constituição das práticas sociais de linguagem. Assim, analisar os espaços de produção e reprodução de discursos é extremamente importante para que haja um entendimento mais funcional e contextualizado sobre aquilo que se quer compreender.

Utilizando dessas perspectivas, este artigo pretende analisar postagens em redes sociais, a fim de compreender a dinamicidade dos discursos ativistas nos espaços digitais e suas implicações nas práticas de língua(gem). Para isso, escolhemos um movimento que recentemente se tornou extremamente popular no mundo todo, a *hashtag #BlackLivesMatter*. A repercussão desse modelo de ativismo ocorreu após a morte de um cidadão negro, George Floyd, assassinado por policiais em Minneapolis, no estado de Minnesota, Estados Unidos da América. A morte de Floyd foi o estopim para o início de uma gigantesca manifestação online contra o racismo e violência policial sofrida por pessoas negras.

Este estudo, situado no campo de estudos da Linguística Aplicada, se caracteriza como uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, por analisar, de maneira interdisciplinar, um movimento social marcado pela internet, um espaço desterritorializado de práticas sociais e de linguagem.

Dessa forma, justificamos a importância desse estudo a partir da visão apresentada por Manuel Castells:

a única questão relevante para se avaliar o significado de um movimento social é a produtividade histórica e social de sua prática e seu efeito sobre os participantes como pessoas e sobre a sociedade que ele tentou transformar. (CASTELLS, 2013, p. 29)



Então, acreditando que as práticas de língua(gem) mediam movimentos e que implicações sociais se desdobram em relações naturalmente complexas, utilizaremos da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (TSDC) para analisar a dinâmica dos discursos que circulam na internet e configuram o ativismo digital, através da hashtag Black Lives Matter. Além do mais, delimitamos essa pesquisa escolhendo a rede social Instagram como espaço para a coleta de dados.

2. Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (TSDC)

A partir dos estudos da complexidade, surge o que Larsen-Freeman (2017) chama de Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos. Para ela, a teoria da complexidade é uma teoria de sistemas e também, fundamentalmente, uma teoria de mudanças. Em suas palavras, a teoria, “oferece uma estrutura conceitual para informar a maneira pela qual investigamos e entendemos a natureza e o mundo em que vivemos” (LARSEN-FREEMAN 2017, p. 12).

Nesse mesmo contexto, segundo Byrne (2005, p. 98, apud LARSEN-FREEMAN, 2017, p. 12), o uso da teoria da complexidade envolve “pensar em um mundo social e suas interseções com o mundo natural, envolvendo sistemas abertos e dinâmicos com propriedades emergentes com potencial de transformação qualitativa”. Dessa maneira, a visão sistêmica se instala nos postulados complexos fazendo com que as práticas sociais passem a ser vistas de maneira mais global e funcional.

Assim, para que um sistema seja complexo, ele precisa ser aberto, e ser uma estrutura dissipativa longe do equilíbrio, em que a ordem ou estabilidade dinâmica é vivenciada pelos agentes componentes.

É importante salientar que sistemas complexos possuem propriedades funcionais e são elas que demonstram os funcionamentos desses sistemas.

2.1 As propriedades dos Sistemas Dinâmicos Complexos (SDC)

Tratando das propriedades dos Sistemas Dinâmicos Complexos, doravante SDC, é importante sabermos que apresentam uma composição, dividem-se em partes e todo. As partes são chamadas de agentes e estão em constante interação. Essa interação pode gerar efeitos que afetam o todo, ou seja, o sistema em geral.

Esses sistemas são considerados dinâmicos. Conforme Williams (1997, p.19), "A palavra dinâmica significa força, energia, movimento, ou mudança" e que "Um sistema



dinâmico é tudo que se move, muda, ou evolui no tempo". Isso significa que durante as constantes interações, os agentes evoluem, crescem, trocam saberes e experiências.

Caracteriza-se um sistema como complexo quando “a coerência e persistência dependem de numerosas interações, da agregação e adaptação de diversos agentes” (HOLLAND, 1995, p. 27). De forma geral, um SDC é um sistema aberto, não linear e dinâmico que busca constantemente um equilíbrio “mudando, adaptando-se e, ao mesmo tempo, mantendo a estabilidade de sua identidade” (PAIVA e NASCIMENTO, 2009, p. 526).

Para Holland (1995), os sistemas complexos referem-se aos sistemas que têm a capacidade de se autoconfigurarem e se adaptarem as características do ambiente o qual estão inseridos os agentes. Isso significa que quando surgem problemas, esses sistemas se auto organizam para os solucionarem. Isso se dá pela interação dos variados agentes ativos participantes dos sistemas. Morin (2011), explica que as ações das partes influenciam o todo, que por sua vez influencia as partes.

Silva (2017, p. 23) salienta que conforme Tessone (2015) e Sade (2009) os agentes não atuam isoladamente no sistema, eles interagem com outros agentes e é através dessa interação que surgem os fenômenos emergentes em um sistema dinâmico.

Entende-se, então, que, o comportamento dos sistemas complexos emerge da interação de seus componentes de forma coletiva e não resulta de nenhum componente agindo de forma isolada. Fica explícito, então, uma característica predominante nos SDC que é a produção de efeitos a partir da interação dos agentes, ou seja, emergência. Toda essa produção se dá pela coletividade e nunca ocorre de forma isolada, já que a interação entre os agentes é constante.

Holland (1995) salienta que os agentes são os elementos que fazem com que o sistema funcione. O agente é uma pequena parte que compõe o todo, mas que, a partir das suas interações com os outros agentes, compartilham experiências, aprendem e se auto organizam, em um movimento contínuo de manutenção do funcionamento do sistema.

Os agentes são diversos e a diversidade faz parte da lista de propriedades dos SDC. Ela pode ser definida como “o grau de variação em um sistema” (YARIME; KHARRAZI, 2015, p. 146). Isso significa que as partes de um sistema têm diferentes capacidades, são heterogêneas. Quando há um alto nível de diversidade, existem mais oportunidades para um sistema, através da interação, desenvolver respostas novas e criativas para situações diversas. A partir disso, percebe-se que são esses efeitos imprevisíveis que ajudam na evolução e adaptação de um sistema.



A não linearidade também é uma propriedade que faz parte da TSDC. “Isso significa que o sistema não é a simples soma dos agregados, mas o produto desses agregados, que é sempre maior do que sua soma, devido às interações entre todos os elementos do sistema” (Silva, 2017, p 15). Ele complementa com a afirmação de Holland (1995, p.39) que diz que a linearidade “significa que podemos obter um mesmo valor para o todo somando os valores das partes”, por exemplo, na constituição de um grupo, é possível dizer que se todos os integrantes tivessem propriedades lineares, todas as ações a serem tomadas seriam previsíveis.

Esses sistemas são também chamados de sistemas caóticos, porque, como explica Holland (1995, p. 45), "(...) pequenas mudanças nas condições iniciais podem causar grandes alterações no comportamento global de longo prazo (...)". Essa questão implica diretamente na sensibilidade as condições iniciais.

Conforme Silva (2016, p. 65), outro princípio relevante para compreender a complexidade é o de sensibilidade as condições iniciais. Como explica Silva (2008), esse princípio foi cunhado pelo meteorologista Edward N. Lorenz por volta de 1963, ao formular a teoria do caos, a partir uma descoberta realizada em 1961, o efeito borboleta. Larsen-Freeman explica que “o efeito borboleta é a noção de que uma borboleta que vibra suas asas em uma parte distante do mundo de hoje pode transformar o clima local padrão no próximo mês” (LARSEN-FREEMAN, 1997).

Ainda tratando das condições iniciais, Rand (2015) diz que as elas consistem em pontos de partida que se localizam próximos um do outro, porém esses pontos de partida seguem rotas imprevisíveis estabelecendo diferenças extremas no futuro, ou seja, qualquer alteração nesses pontos pode transformar drasticamente os rumos de um SDC.

Dessa forma, é necessário entender que mesmo conhecendo as condições iniciais de um sistema, não é possível prever com eficácia quais os rumos que ele tomará. Podem existir suposições e convicções, mas nada concreto. Porém, todo e qualquer trajeto seguido pelo sistema, quase sempre será influenciado pelas condições iniciais.

Outro fator que constitui um sistema dinâmico é a emergência. Segundo Holland (1995, p. 28), a emergência está ligada à ideia de que “a ação do todo é maior do que a soma das partes”. Conforme Morin (1977, p. 137), a emergência:

configura-se como sendo as qualidades ou as propriedades de um sistema que apresenta um caráter de novidade com relação às qualidades ou propriedades dos componentes isolados ou dispostos diferentemente em outro tipo de sistemas (MORIN, 1977, P.137).



Além disso, é importante entendemos que o sistema se fragmenta em subsistemas, onde os agentes se interagem. Esses agentes quando passam a se modificar, produzem efeitos primeiramente nos subsistemas, o que conseqüentemente acaba refletindo no todo. Considerando os conceitos descritos, entende-se que a emergência só fica evidente em nível macro. Isso significa que quando ocorre adaptação ou alteração, os impactos afetam todo o sistema.

Somando com os conceitos da não-linearidade, entende-se que a emergência é formada por um aglomerado de ações individuais e em conjunto que acabam afetando o sistema em diferentes escalas.

Voltando aos SDC, tratando das trocas de experiência que fazem com que os agentes aprendam entre si, conseqüentemente refletindo na mudança e evolução do sistema, temos o conceito de *feedback*. De acordo Holland (1995), o *feedback* é a capacidade que um agente tem de devolver a outro uma resposta a partir de um estímulo. De forma geral, podemos afirmar que sistemas mudam com o tempo. Os *feedbacks* fazem com que o sistema passe por adaptações, que com a influência das condições iniciais se tornem imprevisíveis. Sabe-se também que os sistemas são abertos, o que os leva a absorver novas energias e matérias, o que conseqüentemente somado a sua evolução, amplia sua ordem e complexidade. A auto-organização se mostra durante sua evolução, pois é dessa forma que ocorre a possibilidade de atingirem com mais eficácia os objetivos que esses sistemas carregam.

Lembrando do que foi dito anteriormente, SDC são considerados caóticos, pois possuem grande instabilidade. Por conta disso, um sistema tende a se movimentar de forma que fique entre a ordem e o caos, porém existem picos que os levam diretamente para o fenômeno que Waldrop (1993, p. 12) chama de limite do caos ou beira do caos.

Para o autor beira do caos é “a zona de batalha em constante alternância entre a estagnação e a anarquia, o ponto onde um sistema complexo pode ser espontâneo, criativo e vivo”. Waldrop (1993, p. 147) explica que um sistema “está sempre se expandindo, sempre em transição”. Isso mostra que se o sistema atingir o equilíbrio, ele não estará estável. Ele estará morto. Dentro dessa noção de dinamicidade, instabilidade e evolução, existe um ciclo caótico que movimenta os sistemas usando formas de atração. Isso significa que existem elementos que podem agir como um ímã, deslocando a atenção de um sistema para vários pontos atratores.

3. Ativismo Digital



Popularmente conhecido como Ativismo de *Hashtag*, o Ativismo Digital surgiu como um processo de libertação para aqueles que se viam em meio a mídias vendidas. Castells (2013, p. 10) explica em sua obra, *Redes de indignação e esperança*, que no decorrer da história, os canais de comunicação passaram a ser controlados por governos e empresas, onde dessa maneira conseguiram estabelecer fortes alicerces políticos. Isso fez com que os conteúdos desses canais se tornassem vendidos à pontos de vista dominantes, alimentados pelo dinheiro. Porém, com a popularização da internet, aparelhos eletrônicos e redes sociais, nasceu uma nova possibilidade de desmonopolizar o poderio de influência vendido.

Os espaços online possuem uma característica predominantemente pessoal e particular, onde cada usuário pode manifestar suas próprias opiniões e compartilhá-las, correndo o risco de receber respostas de apoio ou não. Assim, fica explícito que a internet se tornou uma fonte inesgotável de opiniões. Castells (2007, p. 439), salienta que “[...] os consumidores da Internet também são produtores, pois fornecem conteúdo e dão forma à teia.”

Assim, pode-se dizer que posicionamentos postados nas redes possuem um caráter de incompletude, pois os sujeitos que os propagam, não simplesmente tem seu discurso tomado como verdade absoluta, é ao contrário, abre-se com facilidade debates e discussões entre usuários, onde estabelece-se a oportunidade compartilhar e construir novos pontos de vista. Castells (2013) explica que pessoas do mundo todo estão:

Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. (CASTELLS, 2013, p. 10)

Dito isso, percebe-se, que na contemporaneidade, é muito simples se engajar em manifestações políticas, já que qualquer pessoa pode se inscrever em redes sociais e compartilhar aquilo que lhes vale.

Nesse sentido, os processos políticos mudaram de maneira generalizada, pois essas questões favorecem o aparecimento de movimentos organizados em rede com o objetivo de contestar fatos políticos, sociais e opiniões alheias. Por meio da complexidade da interação propiciada pela internet, é possível uma reflexão diferenciada dos fatos e desenvolver uma nova perspectiva com novas possibilidades graças à utilização de novas ferramentas e de hipertextos. Castells (2007, p. 439), enfatiza que “o momento de chegada tão desigual das sociedades à constelação da Internet terá consequências duradouras no futuro padrão da comunicação e da cultura mundiais”.



Outra questão determinante no ativismo digital, é a possibilidade de se manifestar de qualquer lugar. Isso significa que qualquer um, que esteja em qualquer lugar, e claro, tenha acesso a internet, pode se posicionar contra ou a favor de qualquer movimento, de qualquer bairro, cidade, estado ou país. Esse comportamento demonstra que a criação de redes formadas por opiniões e manifestos, se espalham. Castells (2013, p. 10) explica que “os movimentos espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias”.

Nesse contexto, é interessante a reflexão sobre aquilo que o ativismo digital tem feito. Por meio das redes sociais digitais são feitas campanhas, petições, *advocacy* de diversas causas, lobbies de pressão para a aprovação ou rejeição de leis, disseminação de informação sobre fatos de interesse político sob diversas versões (sejam oficiais ou dissidentes), além de criação de grupos políticos diversos. Deslandes (2018) exemplifica a potência dessas ações ativistas citando “o caso recente da aprovação da lei brasileira da Ficha Limpa, com mais de dois milhões de assinaturas colhidas online pela organização Avaaz.”

4. *Black Lives Matter* e o Caso George Floyd

Black Lives Matter é uma organização que nasceu no ano de 2013 por três ativistas norte-americanas: Alicia Garza, da aliança nacional de trabalhadoras domésticas; Patrisse Cullors, da coalizão contra a violência policial em Los Angeles; e Opal Tometi, da aliança negra pela imigração justa³. Atualmente, a organização alcançou nível mundial cuja missão é "erradicar a supremacia branca e construir poder local para intervir na violência infligida às comunidades negras⁴" pelo Estado e pela polícia.

George Perry Floyd Jr foi um homem afro-americano que comoveu o mundo com sua morte. O cidadão americano de 46 anos foi assassinado por um policial branco em Minneapolis, no estado de Minnesota nos Estados Unidos da América. Conforme o Estadão⁵, no dia 25 de maio de 2020, Floyd estava comprando cigarros em uma lanchonete quando um funcionário do local o acusou de usar uma nota falsificada de US\$ 20 e chamou a polícia. Sem investigação ou flagrante, o americano foi detido, imobilizado e morto. Um dos policiais o asfixiou com o joelho durante vários minutos, o que lhe causou uma parada cardiopulmonar por conta da compressão

³ <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/black-lives-matter-conheca-o-movimento-fundado-por-tres-mulheres.htm>

⁴ <https://blacklivesmatter.com/about/>

⁵ Entenda o caso George Floyd <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,entenda-o-caso-george-floyd,70003323879> acesso em 01 de jul. de 2020



do pescoço. Ainda conforme o Estadão, o policial que o assassinou foi formalmente acusado por assassinato em terceiro grau⁶ e morte imprudente. Além disso, ele também responde por homicídio culposo.

A infeliz morte de Floyd foi filmada e compartilhada por milhões de pessoas nas redes sociais, o que impulsionou o movimento através da *hashtag* #BlackLivesMatter, em português, Vidas Negras Importam. Esse movimento foi fundado em 2013 e em 2020 acarretou centenas de protestos nas ruas em variadas cidades dos EUA. Porém, por conta do cenário pandêmico do Coronavírus, e o isolamento social, as manifestações foram muito mais fortes e consistentes nas redes sociais.

Diante deste cenário, observando as inúmeras manifestações ativistas em redes sociais, especialmente no *Instagram*, decidimos, portanto, direcionar uma análise da perspectiva dos SDC, a fim de observar a dinâmica complexa das práticas sociais mediadas pela linguagem nesse ambiente, tendo como pano de fundo, o Movimento *Black Lives Matter*. Para tanto, recortamos como *corpus* de análise, algumas postagens na referida rede social, bem como comentários a elas relacionadas.

5. Análise

Esta análise, como apontado anteriormente, tem como objetivo principal promover uma reflexão em torno do movimento ativista na rede social *Instagram* intitulado *Black Lives Matter*, mostrando, sobretudo, a dinâmica complexa das interações neste ambiente que, vale dizer, é geograficamente desterritorializado e marcado pela pluralidade de manifestações linguísticas multimodais. Dizemos isso porque será possível constatar, em alguns momentos, a presença de textos, associados a imagens e, principalmente, as *hashtags*, um mecanismo de agrupamento de informações que se tornou muito em várias redes sociais e, por esse motivo, deu força ao número expressivo de publicações em 2020 e 2021 com as marcações #BLM, #BlackLivesMatter, #blkivesmatter, entre outras.

Logo, a partir dessa observação, fizemos uma busca no *Instagram*, a fim de encontrar publicações que, relacionados a essa temática, trouxessem as propriedades que estamos buscando quando estabelecemos a TSDC como a lente para observar os fenômenos de linguagem neste espaço autêntico de práticas sociais contemporâneas.

⁶ é aquele em que a morte é causada de maneira não intencional, por um ato eminentemente perigoso. A pena para o crime é de até 25 anos de prisão.

5.1 Um ano da morte de George Floyd: a complexidade de um fenômeno marcado pela linguagem ativista no *Instagram*.

Para iniciar esta reflexão, trazemos abaixo uma imagem postada em 26/05/2021 em uma página do *Instagram*, voltada para o tema em questão, que retrata George Floyd e algumas palavras de fundo, lembrando a passagem de um ano do fatídico episódio que o levou à morte por asfixia.

Figura 1 – 1 Year Since the Muder of Geoge Floyd



Fonte: *Instagram*

A imagem 1, acima apresentada, traz no título a recordação da passagem de um ano do assassinato de George Floyd. Em segundo plano, o fundo amarelo aponta para um alerta, tendo em vista que tal cor é reconhecida com essa finalidade em diversos países do mundo. Além da cor, há um detalhe que aparenta uma marca de sangue escorrido, porém na cor também amarela, apenas um pouco mais clara do que a cor que predomina em segundo plano.

A imagem 1 marca também algumas palavras que se relacionam ao contexto do movimento ativista nas redes sociais, como: a) overwhelmed, heartbroken, enraged, vulnerable, tired, frustrate⁷; e b) activated, resilient⁸. Dividimos os termos em “a” e “b” por causa do

⁷ Oprimido, com o coração partido, enfurecido, vulnerável, cansado, frustrado.

⁸ Ativo, resiliente.



direcionamento de cada um deles, ou seja, enquanto o primeiro aborda palavras de desestímulo ao movimento, o segundo (b) mostra uma postura de resistência às forças que tendem a diminuir a proposta do ativismo em *Black Lives Matter*.

Além disso, na descrição da imagem⁹ a página que realiza a postagem direciona para uma reflexão sobre as lutas e os desafios das pessoas negras que permanecem em lidar com a violência e o racismo exacerbado, mesmo tendo passado um ano da morte de George Floyd. Há, inclusive, um chamamento para que os agentes que interagem no âmbito desta página no *Instagram* falem sobre a sensação que cada um tem, após um ano do fatídico evento que vitimou uma vida negra.

Podemos considerar essa postagem, no âmbito da TSDC, como um *input* que estabelece as condições iniciais para a promoção de interações reflexivas em torno da problemática do racismo, que, por vezes, chegando ao seu extremo, faz diversas vítimas fatais, como a situação aqui apresentada. A instituição das *condições iniciais*, conforme Lorenz (1996), consiste em definir pontos de partida que se localizam próximos um do outro, porém esses pontos de partida seguem rotas não-lineares podendo estabelecer diferenças extremas no futuro, ou seja, qualquer alteração pode transformar drasticamente os rumos de um SDC (Sistema Dinâmico Complexo). Além disso, como um sistema dinâmico é aberto, ele está sujeito a alterações movidas pelas posturas adotadas pelos agentes.

Assim, percebendo, portanto, que há uma comoção massiva por parte dos usuários do *Instagram* que interagiram neste post (144.000 curtidas e 972 comentários), destacaremos alguns comentários, a fim de observar a maneira como, discursivamente, o ativismo se manifesta enquanto uma ferramenta de expressão individual e como simbologia ideológica de um coletivo.

O primeiro comentário selecionado para esta análise, que se configura como um *feedback* ao *input* dado como a condição inicial, aponta a postura de uma pessoa que está envolvida com a causa ativista e comovida com a situação de tantas pessoas que sofrem racismo mundo a fora.

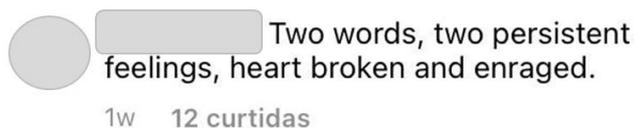
⁹ Um ano depois, ainda lamentamos a perda de George Floyd.

Algumas semanas atrás, Derek Chauvin foi considerado culpado pelo assassinato, mas lembre-se disso: a verdadeira justiça é a proteção da vida negra. A verdadeira justiça significaria que a família e a comunidade de George Floyd ainda o tivessem em suas vidas.

É inegável que nosso movimento - e a revolta do verão passado - inspirou a ativação global pela vida e libertação negra.

Um ano depois, como você está se sentindo? Escreva nos comentários uma palavra que resume como você se sente hoje, após um ano de demandas, protestos, reflexão e construção de poder.

Figura 2 – Comentário 01

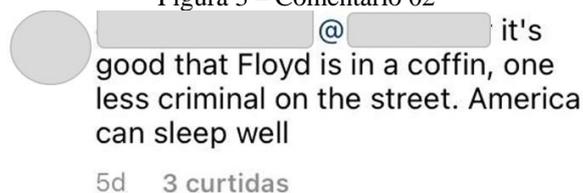


Fonte: Instagram

Tal como é possível observar na imagem destacada acima (figura 2), trata-se de um comentário no *Instagram*, realizado como resposta à postagem da figura 1. Este *feedback* apresenta uma postura de pessimismo, considerando “heart broken” como uma expressão de quem ainda se sente triste pela luta de uma pessoa inocente, vítima do racismo, e “enraged”, como uma expressão que indica ainda a insatisfação dele, tanto com a sensação de injustiça, quanto de impunidade com relação aos atos violentos que tem sido cometidos, mesmo depois da repercussão do caso Geoge Floyd.

Nesse aspecto, vale acrescentar que este usuário da rede social, sendo, portanto, um agente do sistema, contribui para a dinamização da rede, expondo a maneira como interpreta a realidade e se relaciona com os fatos que corroboram todas as posturas revoltosas tanto no âmbito das redes sociais, como fora dela. Considerando, dessa forma, que os sistemas dinâmicos são de natureza não linear e aberta, destacamos, na figura abaixo, o comentário de um perfil, que, de maneira oposta aos demais que interagem no âmbito da postagem da figura 1, tece uma crítica à conduta de George Floyd. Vejamos:

Figura 3 – Comentário 02



Fonte: Instagram

Aqui, podemos observar a evidência dos padrões não-lineares em funcionamento nos sistemas de natureza complexa, pois, ao dar um *feedback* à postagem (figura 1), o internauta se aproveita da situação de comoção mobilizada por todos que interagem, e zomba, tanto da ação de conscientização ali promovida, como também da figura representativa de George Floyd.

Esse comentário, ao tirar Floyd do lugar de vítima injustiçada e colocá-lo como um bandido, ao fazer a afirmação “one less criminal on the street”, cria uma desestabilização no funcionamento das interações no âmbito da postagem, entendida aqui como um subsistema.

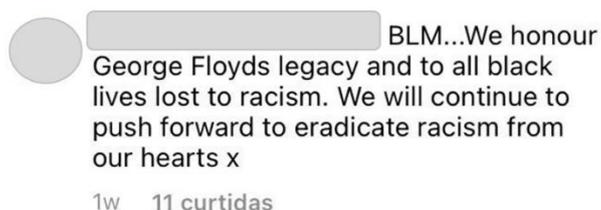


Essa desestabilização, marcada pelo lugar de dizer desterritorializado geograficamente, que isenta de qualquer ação rechaçatória fora da internet, permite ao usuário da rede social, externar as suas intenções, sejam elas as mais diversas e fora de contexto possível. Trata-se de um lugar marcado, entre outras coisas, pelas guerras ideológicas em que muitos incorporam discursivamente posturas racistas, discriminatórias e até mesmo violentas para com os demais, tais como a apresentada na figura 3. Embora sejam atitudes repugnantes, é em virtude desta abertura aos distintos posicionamentos, que alguns acabam por extrapolar a margem do respeito e da valorização da dignidade humana, criando condições para a instituição de práticas que não condizem com uma cultura de paz, harmonia e respeito, que tanto se necessita para uma convivência harmoniosa, tanto no online como no offline.

Observando uma postura como esta apresentada por uma pessoa em pleno século 21, vemos que esta marcação de lugar ideológico contribui de forma negativa para a agregação de outros sujeitos que comungam dos mesmos ideais. Esse comentário atua como um atrator que, negativamente, cria as condições para que outras pessoas se manifestem, adotando posturas, de igual maneira, racistas e discriminatória.

Trata-se de um discurso que precisa ser reescrito nas vozes de outros sujeitos que comungam dos mesmos espaços de prática social, pois, a instituição de posturas que estimulam o ódio e o racismo no âmbito das redes sociais precisa ser combatida por aqueles que pensam de maneira distinta e, claramente constituem um número imensamente maior de pessoas que interagem nestes espaços. Exemplo disso é o comentário abaixo (figura 4), que inicia com “BLM” a sigla que dá o nome ao movimento ativista *Black Lives Matter*. Vejamos:

Figura 4 – Comentário 03



Fonte: Instagram

Este comentário, situado também no âmbito da postagem apresentada na figura 1, mostra o agenciamento discursivo de um sujeito marcado pela luta em defesa da igualdade de direitos e pelo fim de tantas posturas racistas adotadas por pessoas, tanto na internet quanto fora dela, o que acaba por causar fatos lastimáveis como o ocorrido com George Floyd. O que nos permite este entendimento é a afirmação de que “honramos o legado de George Floyd e o de



todas as vidas negras perdidas para o racismo”. Além disso, ele ainda afirma que será dada continuidade à luta para “erradicar o racismo dos nossos corações”. Ao marcar-se como parte daqueles que precisam ter o racismo erradicado do coração, ao usar o pronome pessoal em primeira pessoa do singular, há a ideia de que ainda existe uma fagulha desse mal dentro de cada um, e que precisa ser completamente erradicado, para que ele não venha a surgir novamente e tomar conta das atitudes das pessoas.

É pertinente pensarmos, a partir desse comentário, que um sistema de natureza complexa permite, entre outras propriedades, a agregação, ou seja, à medida que um ponto de atração é instituído no sistema, normalmente aqueles agentes que se identificam entre si (fenômeno de marcas/marcação) reúnem-se em torno de objetivos comuns. Neste caso, o comentário se estabelece como um atrator no âmbito da postagem, atraindo a atenção, promovendo a interação e, conseqüentemente, criando as condições para que aconteça a complexificação dos níveis de dinamização do sistema.

6. Considerações finais

Observando todos os posicionamentos dos sujeitos que se expressam linguisticamente nas redes sociais, em torno da temática do racismo, de modo pontual, no que diz respeito ao assassinato de George Floyd, um fato que provocou a emergência de diversas mobilizações, tanto nas ruas dos Estados Unidos quanto nas redes sociais pelo mundo todo. Neste cenário, a maioria das postagens e comentários que envolviam o tema em discussão foram marcados pela *hashtag* #BlackLivesMatter, um elemento de marcação que permitiu a agregação de múltiplos agentes interagindo em torno de um único tema, porém com objetivos distintos. Vale dizer, portanto, que uns estavam interessados em promover discussões sadias e de orientação quanto a tantos fatos que evidenciam posturas racistas e violentas, enquanto outros se aproveitavam deste cenário para expor opiniões contrárias ao movimento e que, dadas as condições discursivas criadas, são pessoas dotadas de sentimentos e concepções retrógradas, pautadas na segregação de raça e/ou cor da pele, uma postura que tem sido fortemente combatida nas redes sociais.

Fato é que no âmbito dessas discussões, emergiu, do nosso ponto de vista, um funcionamento linguístico e de práticas sociais que nos permitiu observar e analisar, na perspectiva dos SDC, a dinamicidade dos discursos ativistas nos espaços digitais bem como as suas implicações nas práticas interativas mediadas pela língua(gem).



Partindo deste entendimento, promovemos reflexões em torno de uma postagem e de alguns comentários nela realizados, observando, tanto a abertura de possibilidades de posicionamento, quanto o próprio funcionamento das discursividades expressas pelos sujeitos que ali interagiram. Quanto a isso, vale lembrar, pudemos observar, tanto posicionamentos de pessoas conscientes quanto a realidade brutal de violência que ainda assola o público vítima de racismo, bem como aqueles que ainda preferem anular por completo, deixando de enxergar uma realidade latente, promovendo, no âmbito das discussões nas redes sociais, a ampliação do discurso de segregação, racismo e desrespeito para com o outro.

Dessa forma, consideramos que este estudo nos permitiu dar visibilidade para o fenômeno da dinamização das práticas de língua(gem) nas redes sociais em torno do ativismo social marcado pelo movimento *Black Lives Matter* e, sobretudo aclarar algumas percepções em torno de posturas que ainda destoam de uma realidade que precisa ser muito mais inclusiva e igualitária. Com isso, procuramos deixar a ideia de que uma convivência (online e offline) harmoniosa entre todas as pessoas deve ser independente de região, classe social, identidade de gênero, orientação sexual, ou religião. É aí que se sustentam as bases para a construção de uma sociedade fundamentada nos princípios da cultura de paz.

Referências

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 8º. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1º. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DESLANDES, S. F. O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/qmYg4yygsjgWwmQ8MvHVM5N/?lang=pt>>. Acesso em: 15 janeiro 2021.

HOLLAND, J. **Hidden order: how adaptation builds complexity**. Reading - MA: Addison-Wesley, 1995.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. **Applied Linguistics**, v. 18, n. 2, p. 141–165, 1997. ISSN 1477-450X. Disponível em: <<https://academic.oup.com/applij/article/18/2/141/134192>>. Acesso em: 26 janeiro 2021.



_____. Complexity Theory: The lesson continue. In: ORTEGA, L.; HAN, Z. **Complexity theory and language development**: In celebration of Diane Larsen-Freeman. 1^a. ed. Philadelphia: John Benjamins Publishin, 2017. Cap. 1.

LORENZ, E. N. **Essência do caos**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

MORIN, E. **O método 1: da natureza da natureza**. Tradução de Ilana Heineberg. 2^a. ed. Porto Alegre: Sulina, 1977.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 4^a. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NASCIMENTO, M.; PAIVA, V. L. M. O. Hipertexto e complexidade. **Linguagem em (Dis)curso**, Santa Catarina, v. 9, n. 3, 2009. ISSN 1982-4017.

RAND, W. Sistemas Complexos: conceitos, literatura, possibilidades e limitações. In: FURTADO, B. A.; SAKOWSKI, P. A. M.; TÓVOLLI, M. **Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas**. Brasília: IPEA, 2015. p. 436.

SADE, L. A. Identidade e aprendizagem de inglês pela ótica da complexidade. In: PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. **Sistemas Adaptativos Complexos: Língua(gem) e aprendizagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 205-226.

SANTOS, C. C. C.; LIMA, G. O. S. As vozes do discurso: construindo sentidos na interação face a face. **III Encontro de Pós-Graduação em Letras**, São Cristóvão, p. 284-297, 2010. anais eletrônicos.

SILVA, R. S. **As tecnologias digitais e seus efeitos nas práticas de língua(gem): Um estudo na perspectiva dos sistemas Adaptativos Complexos**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Linguística (UNEMAT). Cáceres - MT, p. 93. 2017.

SILVA, V. **A Dinâmica Caleidoscópica do Processo de Aprendizagem Colaborativa no Contexto Virtual: um estudo na perspectiva da Complexidade/Caos**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (UFMG). Belo Horizonte. 2008.

_____. O grupo como sistema adaptativo complexo: um estudo das práticas de ensino e aprendizagem no contexto do Facebook. In: BORGES, E. F. D. V.; SILVA, W. M. E. **Complexidade em ambientes de ensino e de aprendizagem de línguas**. Curitiba-PR: CRV, 2016.

TESSONE, C. J. A natureza complexa dos sistemas sociais. In: FURTADO, B. A.; SAKOWSKI, P. A. M.; TÓVOLLI, M. H. **Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas**. Brasília: IPEA, 2015.



WALDROP, M. M. **Complexity**: the emerging science at the edge of order and chaos. New York: Touchstone, 1993.

WILLIAMS, G. P. **Chaos theory tamed**. Washington, D.C.: Joseph Henry Press, 1997.

YARIME, M.; KHARRAZI, A. O ambiente como sistema socionatural, dinâmico e complexo: oportunidades e desafios de políticas públicas na promoção da sustentabilidade global. In: FURTADO, B. A.; SAKOWSKI, P. A. M.; TÓVOLI, M. **Modelagem de sistemas complexos para políticas públicas**. Brasília: IPEA, 2015. p. 436.